

Migrações e desenvolvimento local: um estudo biográfico

Migrations and local development: a biographic study

Soeli Regina Lima¹

Resumo: Este trabalho analisa a trajetória de imigrantes como precursores do desenvolvimento local. Realizamos o estudo biográfico de Luís Szczerbowski, que se instalou em Três Barras-SC, no início do século XX. Ele trabalhou como apontador de terras da serraria *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, sendo ainda apicultor, agricultor, comerciante, proprietário de fábrica de cigarros e fotógrafo. Pautamos em fontes orais e escritas somada as referências bibliográficas. Elucidamos aspectos da relação entre os imigrantes poloneses entrelaçadas ao poder econômico da serraria.

Palavras-chave: imigração, biografia histórica, desenvolvimento local, colonização.

Abstract: This work analyses the immigrants' trajectory as precursors of the local development. We made the biographic study of Luís Szczerbowski who settled down in Três Barras-SC at the beginning of the 20th century. He worked as a land dealer in the sawmill *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, being also an apiarist, an agricultor, a trader, a cigarettes factory's owner and a photographer. We have based ourselves in oral and written sources added to bibliographic references. We elucidated aspects from the relation among the Polish immigrants interwoven to that sawmill economical power.

Key-words: immigration, historical biography, local development, colonization

Introdução

Diferentes são os estudos² de imigração e sua relação de ocupação espacial e desenvolvimento local. O que pretendemos identificar neste

¹ Mestre em Geografia, pela UFPR e Especialista e Graduada em História, pela FAFIUV. Atualmente é Docente da Universidade do Contestado – UnC. Email: soelihistoria@gmail.com

trabalho é a relação do sistema produtivo da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* com os imigrantes poloneses e consequente desenvolvimento local.

Colônias de imigrantes prosperaram no Brasil, ora por iniciativa dos colonos na organização entre famílias, ora pelas experiências trazidas da Europa. Em nosso caso de estudo, o desenvolvimento local estava pautado no capital transnacional, implantado no interior brasileiro, pela serraria *Lumber* que acabou por atrair mão-de-obra de imigrantes. Partimos da biografia histórica de Luís Szczerbowski o qual teve a capacidade de, em poucos anos, diversificar suas atividades econômicas acompanhando o desenvolvimento local.

O imigrante polonês iniciou suas atividades como apontador de terras da *Lumber*, quando das primeiras “entradas” da serraria, para retiradas das árvores nativas. Desvinculou-se profissionalmente, comprou seu espaço de terra da serraria, já explorado, com cortes e trilhos, construiu sua morada, dando início a Colônia Tigre, passando a trabalhar de forma autônoma. Nesta fase prosperou, pois teve grande capacidade de inovação. Buscou o diferente. Além do comércio e da agricultura trabalhou com apicultura, pomares de hortaliças e flores. Instalou, ainda, uma fábrica de cigarros, importando fumo da Turquia. Sua capacidade inventiva era alimentada por leituras. Leitor assíduo estudava minuciosamente os detalhes para novos investimentos. Sua biografia histórica se entrecruza com a de muitos poloneses que trabalharam na *Lumber*. Dedicando-se a arte da fotografia, deixou valiosos registros sobre o período.

Biografia histórica

² FAUSTO, Boris. **Fazer a América**: a imigração em massa para a América Latina. São Paulo: EDUSP, 1999; NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná**: Ocupação do território, população e migrações. Curitiba: SEED, 2001; SOUZA, Celso de Oliveira; ZWIREWICZ, Marlene. **Da “Polska” à terra prometida**: o legado polonês em Santa Catarina e um tributo à comunidade do Chapadão/Orleans. Florianópolis: Insular, 2009; PETRONE, Maria Teresa Schorer. Imigração. In: FAUSTO, Boris. **História Geral da civilização brasileira**. O Brasil Republicano. v.2. Sociedade e Instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997; LARocca JÚNIOR, Joel; LIMA, LUIGI, Pier; Clarissa de Almeida. **Casa eslavo-paranaense**: arquitetura de madeira dos colonos poloneses e ucranianos do Sul do PR. Ponta Grossa: Editora Larocca Associados S/S Ltda., 2008.

O estudo biográfico é uma possibilidade de identificar, a partir das experiências individuais, a realidade vivida coletivamente. O ser humano age de acordo com a realidade sociocultural em que está inserido, criando e recriando dialeticamente novas experiências de vida, os estudos pormenorizados de determinados sujeitos sociais podem elucidar o passado histórico num contexto amplo. A construção da narrativa histórica, por parte do historiador, situando o sujeito biografado com a conjuntura e a estrutura econômica e social da época são formas de revelar características de determinados realidades espaciais e temporais.

O estudo biográfico passou por fases distintas no campo historiográfico. “O século XIX, século da História, não foi propício ao desenvolvimento pleno das biografias eruditas. Gênero inferior e desprezado, a escrita biográfica fica relegada aos amadores. No início do XX, a situação continua a mesma, se é que não se agrava”³. “Em 1903, na *Revue de Synthèse historique*, o sociólogo durkheimiano François Simiand instava os historiadores contemporâneos, de maneira polemica, a quebrar seus três ídolos, a cronologia, a política e a biografia”⁴.

A princípio, na fase da *História Magistra vitae*⁵, o individual prevalecia sobre o coletivo. “Ela orientou, ao longo dos séculos, a maneira como os historiadores compreenderam o seu objeto, ou até mesmo a sua produção”⁶. Nesta perspectiva podemos citar o caso das biografias produzidas na História política, onde a figura central do governante era imortalizada. Ela era produzida com os feitos épicos, de valentia, poder ou mesmo em oposição, de fracassos, narrados de forma linear, subjetivista, factual, o que levou a tornar este tipo de história obsoleta.

Anedótica, individualista, essa história incorria ainda no erro de cair no idealismo. Por desconhecer as forças profundas e as causas ocultas, e ignorar as necessidades e

³DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. p. 196.

⁴ Idem.

⁵ KOSELLECK (2006) afirma que História do presentismo vem em substituição à história *magistra*, expressão, esta usada no contexto da oralidade, onde o orador é capaz de emprestar o sentido de imortalidade à história como instrução para a vida, ou ainda, como coleção de exemplos, para que pudessem reconhecer no futuro casos semelhantes.

⁶ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-RJ, 2006. p. 42.

os mecanismos, ela imaginava que as vontades pessoais dirigem o curso das coisas, e às vezes levava mesmo a cegueira até ao ponto de acreditar que as ideias conduzem o mundo⁷.

Ao privilegiar o particular, em contraponto ao nacional, essa história acaba por privar diferentes possibilidades de comparações no espaço e no tempo, das generalizações e sínteses.

O retorno da biografia histórica se dá com a nova história política, onde a partir do indivíduo as relações do Estado são investigadas. Neste sentido, a produção de biografias políticas teve grande aceitação. Os bastidores da ideologia dominante, do período histórico descrito, passaram a ser reveladores de culturas e sociabilidades. Dito de outra forma:

Mas a história política- e esta não é a menor das contribuições que ela extraiu da convivência com outras disciplinas- aprendeu que se o político tem características próprias que tornam inoperante toda análise reducionista, ele também tem relações com os outros domínios; liga-se por mil vínculos, por toda espécie de laços, a todos os outros aspectos da vida coletiva⁸.

Observa-se que as biografias políticas ao descobrir o cotidiano, os prós e contras de grandes nomes passaram a vender e a despertar curiosidade. “A intrusão do biográfico e do autobiográfico nas ciências sociais sacode alguns postulados “científicos” em nome dos quais essa dimensão fora até a época expelida das pesquisas eruditas, pois os relatos se situam num espaço entre escrita e leitura literárias ou entre a escrita e leituras científicas”⁹. Este fato leva a reflexão sobre ficção e história e de como construir o relato. Neste sentido: “A biografia se torna, pois, o ensejo da adesão de ambas as

⁷ RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p.18.

⁸ *Ibidem*, p.29.

⁹ DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. p. 242

disciplinas a uma epistemologia do entremeio, que Certeau define com seu paradoxo de ficção científica”¹⁰.

Por parte da Nova História, na história descrita como vista de baixo, ou micro história¹¹, a biografia retorna com ênfase. As biografias realizadas pela micro-história tratam de personagens comuns, diferentemente das biografias prosopográficas, ou biografias coletivas. Giovani Levi, citado por Vainfas (2002)¹² propõe certa tipologia da perspectiva biográfica dividindo-a em:

- a) prosopografia ou biografia modal; se presta menos aos estudos microanalíticos, nesse campo não há, propriamente “biografias verídicas”, mas a utilização de dados biográficos para fins prosopográficos.
- b) Biografia e contexto: a biografia individualizada conserva sua especificidade, sem ser exclusiva ou concentrar o foco do historiador. A época, o meio e a ambiência também são muito valorizados como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade das trajetórias.
- c) Biografia e casos extremos: os contextos históricos são alcançados pelas margens do campo social, por intermédio da biografia de personagens singulares.
- d) Biografia e hermenêutica: gênero mais típico da antropologia e da história oral, baseado em arquivos orais e nele o material biográfico torna-se intrinsecamente discursivo. Resta-se menos a micro-história.

As obras de Carlos Ginzburg “O queijo e os vermes”, (1971), em edição italiana e “O retorno de Martin Guerre” (1983), de Natalie Davis, são exemplos destes casos. “Os temas mais aptos a uma investigação microanalítica são aqueles ligados a comunidades específicas- referidos geográfica ou sociologicamente, às situações-limite e às biografias”¹³.

No que concerne à temporalidade:

¹⁰ Idem.

¹¹ “Mas é certo que a micro-história tem seus temas preferenciais ou tipos de temas mais passíveis de serem estudados em escala reduzida. Grandes episódios e personagens célebres são, assim menos usuais e menos bem-vindos à microanálise que, por sinal, desde o início se animou com a possibilidade de inverter a história e reconstruí-la ‘a partir de baixo’. Assim, pode-se dizer que os temas mais aptos a uma investigação microanalítica são aqueles ligados a comunidades específicas –referidos geográfica ou sociologicamente-, às situações-limite e às biografias.”. (VAINFAS, 2002, p 136)

¹² VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história**: micro-história. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p.140

¹³ Ibidem, p 136.

O tempo da micro-história, considerada sua inspiração antropológica e sua preocupação etnográfica, é o tempo das estruturas; mas é também, simultaneamente, considerado seu propósito fundamental de resgatar personagens anônimos, imbróglis aparentemente banais ou situações-limite de determinada época, o tempo do acontecimento. É nesse sentido que, ao meu ver, a micro-história é capaz de operar nessa ambivalência temporal que combina o fato específico, explícito na narrativa, e o sistema geral dos códigos e normas, quase sempre implícito¹⁴.

Para o historiador adentrar no campo da biografia histórica é fazer a história do tempo presente¹⁵, ou seja, trabalhar com os regimes de historicidades, aquele em que passado, presente e futuro se entrecruzam. Na dialética temporal os acontecimentos vão sendo decifrados, onde podemos analisar a sociedade, entre outras formas, através da biografia histórica. O mundo vivido por determinado sujeito pode revelar muito mais que uma experiência pessoal, ela vai além, apontando as articulações entre público e privado, do particular para o coletivo, das dependências, das consequências dos sistemas econômicos, sociais e culturais das sociedades.

Imigração polonesa e *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*

A imigração, no caso brasileiro, fez parte da política de ocupação espacial dos vazios demográficos. Desta forma, o governo acabou por criar políticas imigratórias, já no período imperial. A urbanização, a industrialização gerou o movimento demográfico na Europa, conduzindo as grandes migrações transoceânicas, no século XIX e XX.

¹⁴ Ibidem, p. 134

¹⁵ Sobre a história do tempo presente ver: HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed.PUC-RJ, 2006. VARELLA, Flávia F. et al. (Org.). **Tempo presente & usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

No estado catarinense a colonização ocorreu na grande maioria com iniciativas de companhias particulares. Os imigrantes poloneses chegaram com o navio *Victoria* em 1869, no porto de Itajaí, com destino à Colônia Brusque. Foi mais ou menos nessa época, em agosto de 1869, que veio ao porto de Itajaí, a bordo do navio “Vitória”, o primeiro grupo de emigrantes da Alta Silésia. “Era um grupo de 64 pessoas”¹⁶. Nos anos subsequentes, até próximo a 1914, mais de cem mil poloneses ingressaram no país, sendo estabelecido em 91 colônias, na região Sul. Destes, quase 50% foram assentados no Paraná.

No caso paranaense foi em 1867 que desembarcou Edmundo Sebastião Wos Saporski, considerado o “pai” da imigração polonesa no estado. Após passar um ano em Montevidéu, estabeleceu-se na colônia Blumenau, observou a estrutura da colônia e retornando ao Paraná procurou convencer a administração, da cidade de Curitiba, de trazer imigrantes. Em julho de 1871 a Câmara de Curitiba ofereceu terrenos aos colonos na localidade de Pilarzinho. Estabeleceram-se ali famílias polonesas, transferidas com a permissão do Imperador, da colônia de Brusque.

Baseados em relatórios oficiais brasileiros, bem como em dados de conhecedores particulares, como por exemplo, do Sr. S. Saporski, em anotações de diversos líderes, publicações polonesas e trabalhos nesse campo, no primeiro período da emigração polonesa ao Brasil, até 1889, vieram 8.080 almas, das quais 7.030 ao Paraná, 750 a Santa Catarina, 300 ao Rio Grande do Sul e cerca de 500 a outros estados. O segundo período, que abrange a “grande emigração”, deu ao Paraná 14.286 almas, arredondando 15.000 almas, a Santa Catarina 5.000 almas, ao Rio Grande do Sul 25.000 almas, a São Paulo 13.500 almas, a outros Estados 5.000 almas. Ao todo, arredondando, 63.000 almas. No terceiro período, até o ano de 1900, vieram ao Paraná 6.000 almas, a outros Estados- 500 almas polonesas¹⁷.

¹⁶ GLUCHOWSKI, Kazimierz. **Os poloneses no Brasil**: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil. Trad. Mariano Kawka. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski, 2005. p. 29.

¹⁷ *Ibidem*, p. 39.

Em se tratando da imigração via *Brazil Development and Colonization Company*¹⁸, no relatório de 1910, Farquhar¹⁹ informou aos sócios da *Brazil Railway*, que havia criado 13 colônias agrícolas, num total de 315 mil hectares ao longo da EFSPRG- Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande, no Vale do Rio do Peixe. Em 1911, começaram as previsões para o Vale do Iguaçu, com um plano de assentar dez colônias em cerca de 510 mil hectares. A propaganda na Europa foi realizada pela companhia. Na Galícia o agente dela era o conde Le Hon. Em 1912, um visitante britânico viu apenas quatro colônias realmente importantes nos mais de 2,4 milhões de hectares cedidos à EFSPRG.

Os imigrantes poloneses e austríacos foram os primeiros a se instalar nas colônias de Farquhar, seguidos, em 1911, pelos holandeses. No início recebiam ajuda do departamento de colonização. Eram instalados armazéns para gêneros alimentícios. Com o alto grau de endividamento dos colonos as regras foram alteradas. Os colonos deveriam deslocar-se até as colônias com recursos próprios. A companhia demarcava os lotes, fornecendo sementes, utensílios agrários e orientações técnicas, criando ainda, mercado para os produtos nas estações ao longo da ferrovia.

Passaram, então a selecionar candidatos mais experientes para suas colônias em Santa Catarina. Houve progresso nas colônias. Muitos assentados conseguiram quitar a compra de suas terras em apenas três anos.

Além de poloneses, ucranianos posteriormente, no Vale do Rio do Peixe, chegaram italianos, alemães entre outros grupos étnicos menores.

Em 1912 foi aberta a Colônia no Rio das Antas, em Santa Catarina, para teuto-brasileiros oriundos de colônias do Rio Grande do Sul, que estavam

¹⁸ Percival Farquhar, empreendedor norte-americano, além de inúmeros outros investimentos realizados nas Américas, criou em 12 de novembro de 1906, nos Estados Unidos, a *Brazil Rawail Company*, assumindo a construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande. Sendo ele um visionário econômico, ampliou seus investimentos criando duas subsidiárias a *Brazil Development and Colonization Company*, para povoar as terras devolutas recebidas na construção da estrada de ferro e a *Southem Brazil Lumber and Colonization Company*, que obteve autorização para instalar serrarias.

¹⁹ Sobre Percival Farquhar e seus investimentos ver: GAULD, Charles. **FARQUHAR – o último titã** - um empreendedor americano na América Latina. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

lotadas ou exauridas pela pressão de famílias grandes sobre pequenos sítios de 20 hectares.

Valentini (2009)²⁰ ao analisar um mapa antigo de Campos Novos, relata a existência de colônias na grande faixa de terra ao longo das margens do Rio do Peixe, local onde foram estendidos os trilhos da EFSPRG. Em áreas já demarcadas, observam-se a Colônia do Rio do Peixe, Capinzal, Bom Retiro e Colônia do Rio das Antas.

Para Três Barras²¹, município localizado no planalto norte catarinense, os imigrantes instaram-se nas colônias Três Barras e Rio Tigre, deslocando-se de colônias proximais²², na procura de melhores condições de vida, decorrente da presença da *Lumber*.

No ano de 1920, nos registros de Santa Catarina aparecem 250 famílias residindo em colônias, 200 espalhadas pela região e 50 nas cidades. Em comparação com as demais colônias Três Barras ocupava o terceiro lugar no número de famílias, em segundo lugar no número de poloneses dispersos na região e em primeiro lugar no número de poloneses que viviam na cidade.

²⁰ VALENTINI, Delmir José. **Atividades da Brazil Railway Company no sul do Brasil:** a instalação da *Lumber* e a guerra na região do Contestado (1906-1916). Tese (Doutorado em História) – PUC do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

²¹ Três Barras localizava-se em terras contestadas que eram administradas pelo Paraná e que, com o Acordo de Limites de 1916, passaram à administração catarinense.

²² O movimento interno ocorreu em outras regiões do estado: “[...] entraram no vale do Itajaí, entre 1903 e 1914, cerca de 1.600 imigrantes, na maioria alemã e 500 colonos vindos de zonas de antiga colonização. De 1915 a 1918 foram introduzidos 1.100 colonos de procedência interna; de 1919 a 1922 um total de 783 imigrantes e 1.118 colonos internos; de 1923 a 1926, 2.781 imigrantes e 2.226 colonos de procedência interna; de 1927 a 1930 chegaram a essa área de Santa Catarina 1.663 imigrantes contra 560 colonos internos”. (PETRONE, 1997, p. 126).

Nome	Nº de Famílias	Nas velhas Colônias	Dispersos pela região	Nas cidades
Rio Vermelho	50	50	--	--
Rio Natal	85	50	35	--
Dispersos além de Rio Natal até Massaranduba na Colônia Hansa	100	--	100	--
Bateias, Avenquinha e dispersos em São Bento, Campo Alegre e São José	400	--	400	--
Massaranduba	200	200	--	--
Indaial, Pinheiro e dispersos em Blumenau e Brusque	150	50	100	--
Florianópolis	20	--	--	20
Grão-Pará, Órleans e arredores	100	80	20	--
Esteves Júnior, Anitápolis e região	100	100	--	--
Cocal, Criciúma e região	150	100	50	--
Mafra e colônia vizinha Augusta Vitória	50	40	--	10
Itaiópolis (Lucena e região)	1.200	900	300	--
Três Barras, Rio Tigre e região	250	--	200	50
Dispersos no município de Canoinhas	100	--	100	--
Porto União da Vitória, Ant. Cândido, Barreiros	30	20	--	10
Legru	40	40	--	--
Nova Galícia	60	60	--	--
Dispersos no estado	50	--	50	--
Total	3.135	1.690	1.355	90

Quadro 01 – Total de poloneses em Santa Catarina: 3.135 famílias X 6 almas = 18.810 almas

Fonte: GLUCHOWSKI, 2005, p.116.

Os poloneses haviam criado, no Brasil, associações pertencentes à União “Cultura” que atuavam em diferentes campos como educação, cultura, esportes, escoteiros. Três Barras, no ano de 1915, teve a única associação do estado catarinense, registrada com o nome de Biblioteca Polonesa. No total,

pertenciam à Cultura “União” 65 sociedades, contando com 1.583 sócios, cujo patrimônio esteve estimado em 503 contos.

Estado	Nº de Associações	Nº de Sócios	Patrimônio Contos
Paraná	42	872	255
Santa Catarina- Três Barras	01	60	11
Rio Grande do Sul	21	620	234
Rio de Janeiro	01	31	03
Total	65	1.583	503

Quadro 02 – Relação de associações pertencentes à União “Cultura”

Fonte: GLUCHOWSKI, 2005, p.152-155.

É interessante observar que das 65 associações, quanto ao número de sócios, Três Barras ficava em terceiro lugar, com 60 associados, atrás de duas associações do Rio Grande do Sul, com 107 e 75 sócios filados respectivamente. No estado do Paraná a associação com o maior número de filiados possuía 36 registros. Já no que concerne ao número de contos, no Paraná, três associações possuíam um registro de patrimônio superior ao de Três Barras, a de Marechal Mallet, com 80 contos, a de Ponta Grossa com 20 contos e a de Araucária com 20 contos; no Rio Grande do Sul, também três associações apresentavam número superior, duas de Porto Alegre com 100 e 50 contos e outra da localidade Rio Grande com 40 contos.

Havia ainda a União Polonesa de Professores Profissionais das Escolas Particulares com sede em Curitiba, congregando 56 sócios, com um patrimônio de 3 contos fundada em 1921 e a União dos Professores das Escolas Polonesas Cristãs, fundada em 1923, também em Curitiba, com 52 sócios, sendo 37 irmãs religiosas. Destas sociedades em Santa Catarina havia 10 filiais, sendo 02 em Paraguaçu, 01 em Itaiópolis e 01 em Porto União.

No que tange as escolas polonesas no Brasil estas estavam divididas em escolas de Cultura; da “Oswiata” (Educação) e isoladas. Em Três Barras, no início de 1924 a escola contava com 56 alunos poloneses, sendo 35 masculinos, 21 femininos e 36 alunos de outras nacionalidades, perfazendo 92 alunos matriculados. Ministrava aulas a professora S. Slonina. A mensalidade por aluno era de 4,5 (mil-réis) e seu patrimônio pertencia a Sociedade União “Cultura”. Cabe ressaltar que no Brasil, neste mesmo ano havia 60 escolas de Cultura, com 59 professores, 1.910 alunos poloneses e 62 de outras nacionalidades. Já a escola de Canoinhas foi fundada em 1920, ligada as

escolas Oswiata (educação) e no início de 1924, contando com 29 alunos poloneses matriculados.

Tokarski (2000)²³ em seus estudos sobre os poloneses, na região do Contestado, ressalta que estes, entre outras áreas, atuaram nos serviços técnicos da *Lumber*. Das centenas de operários, várias dezenas eram de imigrantes poloneses, que a partir dali ampliaram a presença polônica na região. Na lista dos empregados da *Lumber*, entre outros, aparecem os nomes dos maquinistas ferroviários José Wodowski, José Olcha, Francisco Beck e Pedro Schotka; do fogueiro Jacó Pawloski; do operador de guinchos Basílio Kubicki; do comerciante Antônio Sokolowski; do jornalista Nicolau Koslawski; do carpinteiro Carlos Kzyzanovski e dos operários Estefano Blaziak, Ladislau Gembra, Teodoro Kasnoch, Pedro Pelech, João Melnick, Tadeu Domainski, Antônio Novak, Pedro Mazur, Francisco Urbainski, Estanislau Padegurski, Francisco Maieski, João Setuika e Inácio Chimanski.

Produzindo o desenvolvimento local, a *Lumber* além de explorar as terras recebidas na concessão adquiriu outras, “apenas a família Pacheco vendeu mais de 16 mil hectares de terras à *Lumber* em Três Barras”²⁴. Desta forma ela “chegou a somar ali 180 mil hectares, responsáveis pela constituição, em Três Barras, da então maior serraria da América do Sul”²⁵. Com sua *company town*²⁶ implantada nas proximidades da estação ferroviária, com toda a infraestrutura necessária. Foram projetados, tanto os espaços internos da serraria, como: casa das máquinas, almoxarifado, campo de futebol, escritório, armazém, cinema, hospital, casas residenciais, como os externos: cemitério, campo de aviação e traçado de ruas de Três Barras. Ela acabou por dar base para a atual configuração espacial urbana da cidade e atraiu mão de obra da região.

²³ TOKARSKI, Fernando. **Saga polonesa na região do Contestado**. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:nycOP2zm5ycJ:www1.an.com.br/2000/jan/16/0ane.htm+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 12 jun. 2013.

²⁴ MACHADO, Paulo Pinheiro Machado. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas-SP: UNICAMP, 2004. p. 143

²⁵ AURAS, Marli. **A guerra sertaneja do Contestado: organização da irmandade cabocla**. Florianópolis: Cortez, 1995. p. 100.

²⁶ Sobre a *company town* da *Lumber* ver: LIMA, Soeli Regina. **Capital transnacional na indústria da madeira: company town e a produção do espaço urbano em Três Barras (SC)**. (Dissertação de Mestrado). Curitiba: UFPR, 2007.

Em análise da lista de empregados substituíveis, no prazo de 60 dias, da *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*, de 11 de maio de 1943, são registrados os seguintes trabalhadores com nacionalidade polonesa.

Nº	Nome	Função atual	Data de Nascimento	Estado civil	Nacionalidade	Nº de filhos
01	Ladislau Gemra	Feitor de empilhação	07.01.1899	casado	Polonesa	03
02	Miguel Horski	Maquinista oficina	11.09.1898	casado	Polonesa	03
03	José Dzidzitski	Serv. Oficina	18.08.1894	casado	Polonesa	05
04	Bohdan Horski	Ajud. mecânico	17.07.1923	solteiro	Polonesa	----
05	João Budney	Serv. Caldeador	16.07.1926	solteiro	Polonesa	----
06	Miguel Pikarski	Feitor de cascas	27.08.1891	casado	Polonesa	06
07	Alberto Janchionka	Cabo foguista	23.04.1904	casado	Polonesa	08
08	Constante Walcoff	Maquinista	19.03.1896	casado	Polonesa	04
09	Miran Muzyka	Cabo foguista	17.08.1904	casado	Polonesa	05
10	Paulo Jancoski	Foguista	03.01.1881	casado	Polonesa	01
11	Francisco Koslowski	Foguista	24.09.1902	casado	Polonesa	02
12	Francisco Piskorski	Foguista	17.10.1902	casado	Polonesa	02
13	Nicolau Ry	Servente de cascas	08.06.1924	solteiro	Polonesa	---
14	Vicente Trela	Servente de cascas	17.05.1905	casado	Polonesa	03
15	José Olcha	Servente de cascas	17.02.1890	casado	Polonesa	05
16	Boleslau Olcha	Ajud. Encanador	18.12.1910	casado	Polonesa	05
17	Francisco Jenzura	Enc. Guardiões	25.03.1900	casado	Polonesa	07

18	Bruno Kaspczak	Serv. Mesa	10.10.1901	casado	Polonesa	08
19	Miguel Haydutski	Serv. Mesa	04.09.1906	casado	Polonesa	03
20	Estanislau Kot	Serv. Empilhação	02.02.1892	Viúvo	Polonesa	---
21	Antonio Danieluk	Serv. Empilhação	25.11.1889	Viúvo	Polonesa	02
22	Miguel Bulezyn	Serv. Empilhação	10.11.1905	casado	Polonesa	02
23	Estanislau Fioleck	Serv. Empilhação	11.11.1902	casado	Polonesa	01
24	João kaspczak	Serv. Empilhação	26.02.1902	casado	Polonesa	04
25	Francisco Boava	Serv. Empilhação	04.10.1902	casado	Polonesa	04
26	Alberto Jablonski	Serv. Empilhação	15.03.1887	casado	Polonesa	06
27	Miguel Ruski	Serv. Empilhação	14.04.1897	casado	Polonesa	06
28	Elias Pruss	Serv. Empilhação	01.08.1896	casado	Polonesa	03
29	Lourenço Puzio	Carpinteiro	13.09.1887	casado	Polonesa	02
30	Carlos Rodachinski	Serv. Empilhação	27.12.1900	casado	polonesa	06
31	Antonio Grabczak	Serv. Capilhadeira	10.05.1887	casado	polonesa	04
32	Miguel Botfins	Serv. Capilhadeira	20.09.1882	casado	polonesa	01
33	José Douba	Carpinteiro	14.03.1894	casado	polonesa	04
34	Ladislau Draczynski	Carpinteiro	20.03.1895	casado	polonesa	05
35	Estefano Draczynski	Ajud. Carpinteiro	04.02.1925	solteiro	polonesa	---
36	Miguel Olzolnski	Carpinteiro	25.11.1896	casado	polonesa	03

37	Waldomiro Switck	Servente	22.07.1906	casado	polonesa	02
38	Tadeu Domanski	Mecânico	16.08.1896	casado	polonesa	02
39	Paulo Wigladala	Serrador	14.01.1893	casado	polonesa	06
40	Gregório Kozak	Circuleiro	20.02.1907	casado	polonesa	03
41	Valdomiro Matiwiki	Servente	01.06.1921	casado	polonesa	01
41	Pedro Kislek	Servente	01.01.1887	casado	polonesa	03
42	Victorino Zapotoczny	Ajud. Ferreiro	15.12.1909	casado	polonesa	03
43	Leonardo Boreicko	Servente matas	12.02.1910	casado	polonesa	02
44	Thomaz Rubczak	Servente matas	15.02.1908	solteiro	polonesa	--
45	Antonio Farion	Servente matas	21.08.1903	casado	polonesa	--
46	Estanislau Ganloski	Servente matas	05.06.1908	casado	polonesa	03
47	Stanislau Viateck	Servente matas	11.11.1911	solteiro	polonesa	--
48	João Puchinski	Servente matas	16.02.1911	solteiro	polonesa	--
49	Miguel Jatva	Servente matas	23.03.1907	casado	polonesa	03
50	José Puchinski	Servente matas	16.02.1910	casado	polonesa	01
51	João Zator	Servente matas	14.08.1891	casado	polonesa	02
52	Francisco Repchinski c	Servente matas	12.04.1923	solteiro	polonesa	--
52	Ladislau Tadra	Servente matas	25.03.1904	casado	polonesa	06
53	Thomaz Vozniak	Servente conserva	15.12.1908	casado	polonesa	06

54	Miguel Niconczuk	Feitor toras	21.11.1904	casado	polonesa	--
55	João Kozow	Toreiro	12.08.1924	solteiro	polonesa	--
56	João Rapchinski	Toreiro	04.10.1918	casado	polonesa	--
57	Izidoro Vozniak	Toreiro	10.09.1916	solteiro	polonesa	--
58	Francisco Majewski	Enc. Serraria	22.02.1891	casado	polonesa	--
59	José Majeski	Afiador serras	31.12.1894	casado	polonesa	02
60	Stefano Stipurski	Mecânico encanador	15.08.1883	casado	polonesa	--
61	Ceslau Sapals	Enc. Almojarifado	10.11.1899	casado	polonesa	02
61	Alberto Gura Filho	Afiador serras	30.12.1900	casado	polonesa	04
62	Carlos Szczek	Contra mestre	28.01.1889	casado	polonesa	02
63	Theodoro Senkiw	Caldeador	21.04.1892	casado	polonesa	03
64	Romão Latoch	Bitoleiro	28.02.1893	casado	polonesa	02
65	Ladislau Majcoski	Mecânico	02.02.1907	casado	polonesa	01
66	Jacob Sozotka	Chefe de locomoção	10.01.1898	casado	polonesa	06
67	Jacob Paulovicz	Manobreiro locom.	05.05.1911	solteiro	polonesa	--
68	Pedro Sezotka	Maquinista	28.08.1900	casado	polonesa	06
69	José Gawron	Maquinista	05.01.1909	casado	polonesa	05
70	Mariano Puchinski	Foguista	18.07.1907	casado	polonesa	01
71	Antonio Cepuch	Foguista	25.04.1908	solteiro	polonesa	--

72	José Blasks	Feitor de guincho	02.01.1895	solteiro	polonesa	--
73	Alberto Chonatka	Maquinista	15.01.1908	casado	polonesa	03
74	Elias Skulski	Foguista	16.07.1914	solteiro	polonesa	--
75	Francisco Rodachinski	Foguista	15.09.1910	solteiro	polonesa	--
76	João Xlapeuch	Agrimensor	06.11.1908	casado	polonesa	03
77	Miguel Oleynik	Modeleiro	04.04.1896	casado	polonesa	--
78	José Kussen	Maquinista	25.04.1896	casado	polonesa	05
79	João Farian	Carpinteiro	07.08.1900	casado	polonesa	03
80	Paulo Hozuff	Toreiro	05.07.1922	solteiro	polonesa	--

Quadro 03 – Trabalhadores poloneses

Fonte: Relação de empregados substituíveis no prazo de 60 dias
Southern Brazil Lumber & Colonization Company (Incorporada), 1943.

Num comparativo com outros imigrantes que trabalhavam na *Lumber* no mesmo período, temos os seguintes dados: 637 brasileiros, 80 poloneses, 09 ucranianos, 03 americanos, 08 alemães, 10 austríacos, 06 portugueses, 01 lituano, 03 russos, 01 holandês, 01 francês, totalizando 759 trabalhadores em 1943. No gráfico abaixo é possível comparar a participação polonesa na serraria.

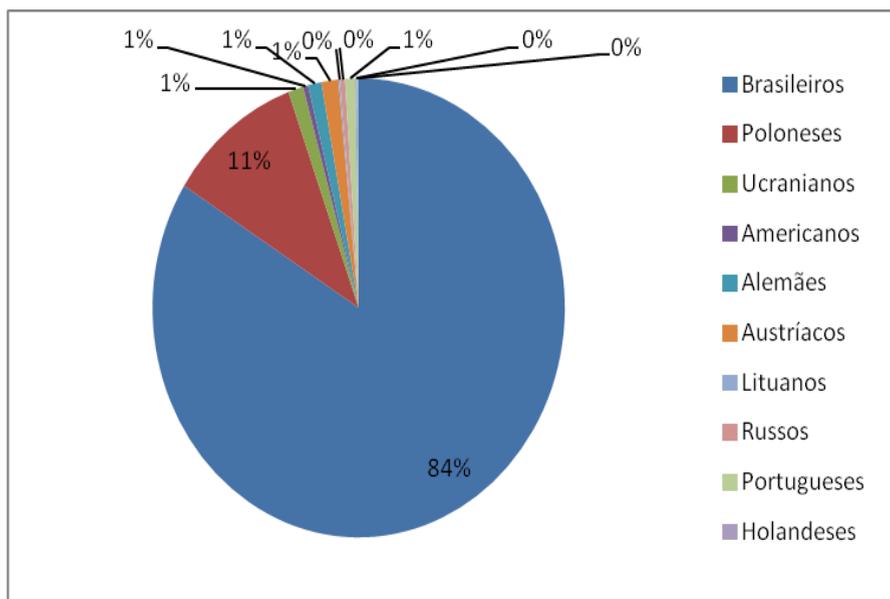


Gráfico 01 – Trabalhadores quanto à nacionalidade.

Fonte: Relação de empregados substituíveis no prazo de 60 dias
Southern Brazil Lumber & Colonization Company (Incorporada), 1943.

A história de vida do polonês Luis Szczerbowski entrecruza-se com a dos demais imigrantes poloneses que se instalaram nas colônias Três Barras e Tigre, na procura de melhores condições de vida decorrente da presença da *Lumber*. É o que veremos a seguir.

Do polonês Luis Szczerbowski

O comerciante, jornalista, açougueiro, apicultor, professor, fotógrafo, agricultor e apontador de madeiras nasceu no condado de Wadowice, na região da Pequena Polônia, aos 17 agosto de 1883, filho de Walentin Szczerbowski e de Marja. Consta que veio ao Brasil por volta de 1900, ainda solteiro, instalando-se em Curitiba (PR). Estabelecido em Curitiba, casou-se

com a imigrante polonesa Marja Wojtowicz. Foi editor do jornal *Naród* (O povo), com 600 exemplares de tiragem, de 01 de janeiro de 1908 até o final de 1909. Era um jornal de caráter popular, onde o redator (ele próprio) posava de camponês.

Segundo a neta Domicela Brehmer²⁷, Szczerbowski, o avô, transcreveu um artigo, denunciando que o governo brasileiro ganhava certa quantia para cada polaco imigrado ao país. Sabe-se que Szczerbowski foi censurado por autoridades governamentais e que “estranhamente”, de acordo com Domicela, recebeu um emprego na indústria madeireira *Southern Brazil Lumber & Colonization Co.*, em Três Barras.

A chegada de Szczerbowski em Três Barras, de acordo com o neto Alvin Szczerbowski²⁸, seguiu o seguinte itinerário:

Ele desembarcou no Porto Amazonas, no rio Iguaçu. Desceu São Mateus, toda essa região do rio Iguaçu, daí subiram pelo rio Negro e daí desembarcaram ali onde hoje é o Clube do Bolinha, que era o Porto da Lumber, daí vieram para a Colônia Tigre²⁹.

Ele tornou-se o primeiro fotógrafo da região. Poliglota, falava e escrevia nos idiomas polaco, russo, alemão, inglês e português.

Na *Lumber* era apontador e comprador de madeiras no início da colonização da empresa americana e por falar o inglês “...era muito chegado...” aos diretores da companhia³⁰. Aos 25 de janeiro de 1922 obteve o título eleitoral 1.91[?]³¹.

²⁷ BREHMER, Domicela Szczerbowski. **Entrevista concedida a Fernando Tokarski**. Canoinhas, 24 nov. 2000.

²⁸ Neto do fotógrafo Luis Szczerbowski, Alvin, nasceu em 1938, é um dos herdeiros proprietários de terras adquiridas pelo avô no início do século XX. Seu pai nasceu em 22 de março de 1912, em Curitiba. Tinha em torno de 3 meses de idade quando o avô mudou residência para Três Barras. Ele concedeu uma série de entrevistas sobre a família e o sistema produtivo da *Lumber*.

²⁹ SZCZERBOWSKI, Alvin. **Entrevista concedida a Soeli Regina Lima**. Fevereiro, 2014.

³⁰ SZCZERBOWSKI, Luiza Schellenberger. A saga da família Szczerbowski. **A Gazeta**, Três Barras, p. 12, ago. 2004.

³¹ CANOINHAS. Superintendencia de Canoinhas. **Termos de inclusão no alistamento eleitoral de Canoinhas** – Livro II, f. 73.

Em 1923, no lugar denominado Cruz ou Passo da Cruz iniciou as atividades de um moinho de cereais movido com força hidráulica fornecendo ainda energia elétrica à sua residência³². Também foi professor da escola “Biblioteka Polska”, da vila de Três Barras. Ali, aos 06 de abril de 1918 casou oficialmente, unindo-se à polaca Marja Wojtowicz, nascida em 1º fev. 1883, filha de Andrzej Wojtowicz e de Aniela.

Em Três Barras instalou um ponto comercial- Casa Central, na rua com o mesmo nome, que por alguns anos movimentou o comercio tresbarrense. Os seus primeiros implementos agrícolas foram trazidos da Eslováquia. Formou um pomar com sementes importadas produzindo frutas e verduras de excelente qualidade. Foi um autêntico empreendedor. Instalou na Colônia Tigre um gerador elétrico e um moinho colonial movido com força hidráulica para moer trigo, centeio, milho, tafona de farinha de mandioca e polvilho, descascador de arroz, picador de palha. Teve ainda um apiário.

O casal teve os filhos Boleslau (*Paraná, 15 de junho de 1905 †05 de março de 1999; casado com Catharina *14 de novembro de 1909 †17 de julho de 1967)³³, Luiz (*1915), Marianno (*1916) e Alexandre (*09 de novembro de 1920 †17 de janeiro de 2008)³⁴.

No ramo do fumo foi proprietário de uma fábrica de cigarros. A produção de cigarros de papel tinha as marcas “Três Barras” e “Rio Tigre”, utilizando um filtro denominado “Salvesol”, composto de algodão químico que não permitia a passagem do narcótico para os pulmões, como citado nas propagandas das embalagens. Do cigarro RIO TIGRE:

Mistura especial: cigarros sem colia. Cigarros com preparo Salvesol”; “Papel extra especial de primeira qualidade CHIC e ELEGANCIA”; “Cigarros modernos com piteiras, feitos de excelentes fumos, escolhidos entre as melhores qualidades existentes no Brazil”; “Medalhas nas diversas exposições.

³² CANOINHAS. Superintendência de Canoinhas. Distrito de Três Barras. **Comercio, industria e profissão** – 1923. f. 5-13.

³³ Boleslau Szczerbowski. *15/6/1905 †5/3/1999; Catarina Szczerbowski. 14/11/1909 †17/7/1967. 2 placas em granitina. Localização: Cemitério de Três Barras (SC).

³⁴ ÓBITOS. **Correio do Norte**, Canoinhas, ed. 2.819, p. 25, 25 jan. 2008.

Nas embalagens dos “Cigarros Três Barras” está registrado:

Papel especial de primeira qualidade. Mistura de fumos Turco e Goyano”; Cigarros modernos com piteiras, feitos de excellentes fumos, escolhidos entre as melhores qualidades existentes no Brazil”; “Mistura excellente-Cigarros com preparo Salvesol”; “SALUBRES-GOSTOS-CHIC-ELEGANCIA”; “ATENÇÃO o preparo *Salvesol* é introdução chimica de algodão e possui as qualidades de no fumar absorver o narcótico e ficar indissolúvel, não permitindo assim sua passagem para a bocca e perdendo com isto a prejudicial acção para a saúde. Os nossos cigarros são feitos sem a colla, de melhor papel até agora existente. A fumaça destes cigarros é mora e leviana e não muda o gosto do fumo”; “Premiado nas diversas exposições”.



Embalagens de cigarros produzidos por Luis Szczerbowski.

Fonte: Alvino Szczerbowski

Como fotógrafo deixou registros de datas e localização espacial, oferecendo a possibilidade de reconstituição dos acontecimentos históricos.



Comemorações da Independência dos EUA

Fonte: Luis Szczerbowski

Acervo: Leonardo Szczerbowski

Fotografia histórica de 4 de julho de 1913, quando das comemorações da independência dos Estados Unidos da América, realizada em Três Barras (PR). O registro fotográfico demonstra o conhecimento por parte do fotógrafo do idioma inglês. No canto inferior direito é possível identificar a assinatura do fotógrafo.

Observa-se um grupo em cavalgada formado por duas mulheres e dez homens. Este grupo encontra-se com o chapéu disposto em posição de respeito, o que sugere um momento cívico. À frente do grupo, do lado esquerdo da foto, um homem em pé dá a entender que discursa para o grupo, comandando o ato. No fundo do cenário as edificações do local se referem ao acampamento da *Lumber*, como era chamado.

De acordo com relato do neto do fotógrafo, esta cena foi retratada no local onde foi a primeira “entrada da *Lumber*”. Seu pai contava como o avô preparava o local, limpando-o para a festa ali realizada, onde participaram os “chefes” da *Lumber*.

O meu pai me contava, que aqui onde é o potreiro, passava a estrada de ferro, lá onde não foi mexido, dá pra ver o corte, porque onde foi feito lavoura já desapareceu. Onde era aterro desmontaram onde era corte também. Tem lugar que tem o corte, essas coisas onde tem lavoura já sumiu, mas aonde não foi mexido existe sinal da *Lumber*, era estrada de ferro. Pena que foi fechado o buraco (mostrando o lugar) quando enterraram cabeça de gado. Esse buraco servia para consertar o vagão de trem pela parte de baixo. Os homens ficavam embaixo do trem. Ficava bem perto do lugar onde tinha os tanques de água que abasteciam as máquinas. Tinha uma caldeira que bombava a água do rio³⁵.

Além deste depoimento, outros relatos foram apresentados do local como de onde se havia os tanques de água que abastecia as locomotivas a vapor. Pela presença do rio nas proximidades, água não era problema para a *Lumber*.



Acampamento da *Lumber*
Fonte: Luis Szczerbowski
Acervo: Leonardo Szczerbowski

³⁵ SZCZERBOWSKI, Alvino. **Entrevista concedida a Soeli Regina Lima**. Fevereiro, 2014.

A fotografia apresenta o cotidiano da Colônia Rio Tigre, no período em que Três Barras pertenceu ao Paraná. Observa-se que houve a preocupação de dispor estrategicamente três homens, que se encontram em pé, numa improvisada plataforma de trem. Os três sorriem para o momento do registro. As quantidades de madeira no barranco de lado direito somadas ao empilhamento de toras no fundo da imagem demonstram o papel estratégico da exploração madeireira na comunidade local. A construção das casas obedecia a certa uniformidade quanto ao material, cor e tamanho. Os bancos localizados nas pequenas varandas mostram o nível de produção dos marceneiros.

Próximo a eles, uma mulher de costas caminha. Outra mulher está localizada no canto superior direito da foto acompanhada de três crianças, numa cena familiar, o que comprova a presença de famílias nos acampamentos da *Lumber*. Esses acampamentos trocavam de lugar de acordo com a exploração madeireira; quando se esgotava a matéria-prima era transferido. As terras eram então comercializadas. Segundo informações de Alvin Szczerbowski (2014) na Colônia Tigre muitos imigrantes compraram o seu lote de terras pagando com trabalho para a companhia.

Na propriedade herdada da família Szczerbowski, atualmente, reside aos 99 anos de idade, uma das noras de Luis Szczerbowski. Nascida no dia 01 de abril de 1915, com disposição e saúde ela recebe muito bem aqueles que desejam ouvir sobre o passado tresbarrense e em especial fala sobre o dia a dia das famílias, com histórias de casamento, doenças e festas locais. A sua casa foi construída, por volta de 1936. Caminhando pelo local, é possível identificar o traçado da ferrovia que passava bem em frente à atual casa, onde há vestígios dos “cortes”, ou seja, dos aterramentos criados para os trilhos de trem.

Dona Martha Hoinaski Paiter Paiter³⁶ registra alguns aspectos da Colônia Tigre.

No Tigre cada qual tinha o seu lote, um terreno. Aquilo lá foi loteado, um lote de 10 em 10 alqueires. Daí ali tinha de vizinho o Setenike, o Ladaninski, o Zabloski, parente do falecido Zé. Depois era nós. Era tudo lote cortado, assim, de 10 alqueires cada um. Era pra lá dos

³⁶ Martha Hoinaski Paiter, nascida em 24/01/1939, filha de Luiz Hoinaski e de Anástacia Sawinsky Hoinaski, foi moradora da Colônia Tigre

Szczerbowski. [...] A estrada, a maioria era por onde passava os trilhos da *Lumber*. Assim eu me lembro ali onde era o Oker agora, a autoelétrica, na BR para Canoinhas, ali era linha. Nós vínhamos da escola, eu era criança, eu tinha uns 10, 11 anos, nós vínhamos da escola pela linha, até a antiga Oker e nós subia essa rua aqui, era uma estradinha e ia no Savinski, que era meu tio. Eu parava ali um tempo, quando ia pra escola. Então era linha ali onde é a autoeletro do Ze Neto, ali tinha um rancho que era do Tamanduá. Tinha um ranchinho, ele parava com o vagonete que desembarcava e ia empurrando, levava as ferramenta da *Lumber*. Nós vinha pela linha do trem, subia pela estradinha até aqui. Não tinha rua como hoje.

Ainda sobre a realidade da Colônia, ela afirma:

Eu nasci aqui (Três Barras) e não sei com que idade eu fui pra lá (Colônia Tigre), daí com 13 anos nós voltamos pra cá, (Vila Nova). O meu pai fez escritura do terreno pra todos nós [...]. E foram vendendo e todo mundo vendeu. Mas é que as famílias envelheceram e os jovens vão ficar na lavoura fazendo o que? Foram se mandando também. Hoje se ficou alguém, o mínimo. Porque hoje os colonos também têm seus direitos, sua aposentadoria e antes não tinha. Ninguém queria ficar na lavoura³⁷.

Quanto ao final da vida de Luis Szczerbowski ele faleceu em 27 de novembro de 1927, aos 44 anos, após uma extração de dente por ele mesmo realizada. No inventário dos bens é citado uma casa coberta de zinco contendo 225 m², um moinho e fábrica de farinha, uma máquina de picar palha, uma carroça tracionada por quatro cavalos, um arado, uma grade agrícola, dois lotes urbanos transferidos ao filho Boleslau, um conto e 500 mil réis

³⁷ PAITER, Martha Hoinaski. **Entrevista concedida a Soeli Regina Lima**. Junho, 2014.

concedidos ao filho Marianno e a mesma quantia aos filhos Luiz e Alexandre, respectivamente. Maria, sua esposa, declarou testamento em 20 de julho de 1931, "...sentada em leito, doente...", no bairro rural de Tigre. Ela faleceu em 1º de agosto do mesmo ano, aos 44 anos. Os restos mortais do casal foram sepultados no cemitério público de Três Barras.

Considerações finais.

A sociedade tresbarrense teve sua história marcada pela presença de imigrantes poloneses e com a serraria *Lumber* viveu o auge da modernidade, no início do século XX, Neste cenário Luis Szczerbowski foi um visionário para o seu tempo, pois ao implantar seus empreendimentos apostou no fluxo econômico local em decorrência do alto grau de produtividade da serraria. Deixou suas laminas fotográficas em vidro com descendentes. Alguns ainda as mantém aguardando por serem reveladas, outras já foram divulgadas, mas em muitos casos sem os créditos de sua autoria, o que dificulta sua localização. O desejo do polonês em prosperar acompanhou e mesmo contribuiu para o desenvolvimento local.

Sua descendência, além da memória imaterial guarda a memória material do fotógrafo. É o passado entrecruzado com o presente e futuro, pois durante as entrevistas constatou-se a preocupação com o local em manter viva a memória histórica. As embalagens de cigarro são guardadas com orgulho pelos netos, bem como fotografias e longas história de vida da família. Nas palavras de Ernst Nolte (1988)³⁸ é: "Um passado que não quer passar".

³⁸ NOLTE, Ernst. **Devant l'histoire**. Les documents de la controverse sur la singularité de l'extermination des Juifs par le regime nazi. Paris: Cert, 1998.